

# *Escola Secundária Eça de Queirós*

*Ano Lectivo 2009/2010*

*Design de Comunicação e Audiovisuais |10º M | Leonel Cunha*

## **DE 1851 A WILLIAM MORRIS E ÀS ARTES E OFÍCIOS**

Por volta de 1850, a atitude intelectual dominante na Inglaterra era de um optimismo pachorrento e complacente. Inglaterra era a oficina do mundo e o paraíso de uma próspera burguesia. Em consequência surge a ideia de organizar uma exposição de matérias-primas e produtos técnicos de nações de todo o mundo. O plano realizou-se em **1851**, sob patrocínio do príncipe Alberto, a grande exposição de Londres, teve no Palácio de Cristal. Tinha por tema o **progresso** – nada mais adequado em pleno século XIX – e por emblema, o Palácio de Cristal. Expressão tecnológica da Inglaterra – superpotência da época e montra do Império Britânico, **a exposição representava a Revolução Industrial e a burguesia triunfante.**

A afluência (mais de 6 milhões de visitantes), o tamanho dos pavilhões (foram ocupados 11 hectares) e a quantidade dos produtos foi enorme. Porém a qualidade dos produtos era má.

Nos objectos produzidos industrialmente, tanto nos móveis como nos utensílios, artes aplicadas e nalguns elementos de construção urbana (colunas de ferro fundido, pontes metálicas, etc.), **a estética era obtida através da sobrecarga de elementos ornamentais.** Os produtos saídos da máquina **ainda não eram concebidos como algo capaz de possuir uma estética própria, derivada da conjugação harmoniosa da forma com a função**, sem que lhe fosse acrescentado um factor decorativo, que tornava visualmente o objecto pesado.

Havia uma grande falta de sensibilidade, relativamente às formas, aos materiais e aos padrões decorativos.

Porquê que é que isto aconteceu? Por que razão a máquina acabou por ser tão prejudicial à arte? De entre as várias razões possíveis destacam-se as seguintes:

- o desenvolvimento rápido e desordenado levou a um súbito aumento da produção, exigindo cada vez mais braços e levando assim a um desenvolvimento populacional igualmente rápido. As cidades cresceram a alta velocidade, criando novos mercados a satisfazer. No meio de tudo isto não havia tempo para aperfeiçoar o manuseamento e a **adaptação perante as inovações tecnológicas.**

- o sistema social medieval tinha sido destruído e com ele a classe dos patrões cultos e ociosos. **O artesão dá lugar ao operário, dando-se a fragmentação do corpo de conhecimento e da manualidade própria de quem até então detinha o controlo na manufactura do objecto.**

# *Escola Secundária Eça de Queirós*

*Ano Lectivo 2009/2010*

*Design de Comunicação e Audiovisuais |10º M | Leonel Cunha*

-os desenhadores de certo valor recusavam-se a participar naquela produção industrial desordenada e os operários não tinham direito a pronunciar-se sobre a matéria artística.

-a filosofia ensinava que dar livre curso à energia de cada um era a única maneira sã e natural de conseguir o progresso. O liberalismo dominava tanto na filosofia como na indústria e implicava a completa liberdade para produzir todo o género de objectos horríveis e pretensiosos, desde que se conseguisse vendê-los. E era fácil, pois **o consumidor não tinha tradição, nem educação nem tempo livre, e era tal como o produtor uma vítima deste círculo vicioso.**

Todos estes factos têm de ser levados em conta para se compreender a exposição de **1851**, organizada por, Henry Cole, Owen Jones e Matthew REdgrave. Segundo eles a exposição deveria ser uma tentativa de reforma no plano estético. **Porém, não perceberam que a utilização da máquina colocava novos problemas e que não bastava simplesmente, melhorar o aspecto dos objectos. Era necessário ir às raízes da questão! Era necessário utilizar novos métodos face aos novos materiais utilizados.**

Os primeiros a compreender até que ponto os fundamentos sociais da arte se tinham tornado frágeis e decadentes desde a época do renascimento, sobretudo desde a revolução industrial foram, **Ruskin** (teórico da arte, filósofo, reformador social e escritor) e **William Morris** (escritor e pintor interessado pela arquitectura, artes gráficas, mobiliário e artes decorativas).

Ruskin (1818/1900), compreendeu a decadência da arte e do gosto como símbolo da crise geral da cultura – **“A arte não é privilégio dos artistas, especialistas e eruditos, mas sim propriedade e produto de cada homem”**

Ruskin

As concepções utópicas de Ruskin, pressupunham que a responsabilidade da situação social e a monstruosidade estética da época pertenciam à industrialização. Explicava a **decadência da qualidade dos produtos pela produção mecanizada e divisão do trabalho que impediam uma relação íntima entre o trabalhador e o produto.** Facto que implicava a despiritualização do trabalho e a alienação do produtor face ao produto criado pelas suas próprias mãos.

Este combate à industrialização converte-se num entusiasmo romântico pelo trabalho manual, cujo período áureo remete para as corporações medievais. As máquinas e a massificação por elas produzida, tornaram-se no bode expiatório dos objectos industriais da época.

Ruskin e Morris foram os primeiros a chamar à atenção para os tristes efeitos da contínua degradação que a produção industrial, através dos seus produtos, introduzia no gosto e na

# *Escola Secundária Eça de Queirós*

*Ano Lectivo 2009/2010*

*Design de Comunicação e Audiovisuais |10º M | Leonel Cunha*

cultura de uma tradição de artesãos e compradores regidos de humanidade e justiça. Valores básicos para a qualidade estética de qualquer obra.

O momento de execução do produto banalizou-se até se tornar no gesto repetitivo do operário, na linha de produção. Este, executava gestos impessoais dos quais não tinha qualquer consciência, nem era responsável pelo produto final. A indústria produtora realizava objectos, como uma qualquer mercadoria confeccionada em formas que a elite considerava de bom gosto. Movida pelo lucro, a indústria, punha a circular coisas sem beleza e carregadas de toda a espécie de ornamentos.

*“O ornamento é força-trabalho desperdiçada e, por isso, é desperdício de saúde. Hoje, porém, significa desperdício de materiais, e as duas coisas juntas significam desperdício de capital.”*

Adolf Loos

William Morris, (1834/1896), herdou de Ruskin a paixão pela idade média e pretendia que a sociedade industrial fosse revigorada pela adaptação aos princípios e usos que anteriormente existiam. **Imaginava uma idade de ouro onde os artistas tomariam o lugar dos chefes de indústria fazendo o bem-estar e a eficiência na condução do trabalho.**

**Considerava a máquina e a produção industrial como calamidades do mundo moderno. Tanto no plano estético como no plano social.**

A afirmação de Morris de que os artistas são **“os representantes do artesanato que se extinguiu com a produção industrial”**, e a sua exortação para que **“tentem tornar-se os melhores artesãos que puderem”** (1889) exprime na sua essência, o contraponto do gosto relativo à riqueza, em que a arte auxilia o gosto. Nalgumas reuniões em casa de Engels, faz inflamados discursos sobre a actividade artesanal, anunciando um reino de utopia com valores próprios da idade média.

Com a defesa do carácter social do **“operário de arte”**, a principal paixão que anima Morris é o **“ódio pela civilização moderna”**: a proposta de uma **sociedade regida pela justiça dos que sabem e fazem, em lugar dos que governam sem saber nem fazer**, surge assim, surge assim mais do que utópica.

Morris é a figura tipo do promotor das Arts and Crafts no confronto com os **“falsos objectivos e os produtos desonestos da indústria”**.

A vulgaridade dos objectos de mercado merece desprezo, porque são a expressão da injustiça que está na base dos métodos de produção.

# *Escola Secundária Eça de Queirós*

*Ano Lectivo 2009/2010*

*Design de Comunicação e Audiovisuais |10º M | Leonel Cunha*

*“Não vos digo para recusarem esses objectos só porque são feios, estúpidos e inúteis, mas sobretudo porque são símbolos concretos do veneno que contêm”*

William Morris

Morris recusava a principal força criadora do seu tempo, a força industrial, porque para ele a arte era “o modo como cada homem exprime a alegria no seu trabalho”. Não havendo a união homem/trabalho, está atacada a possibilidade de uma existência feliz e moralmente aceitável. Por isso ataca a máquina. Esta é também, segundo Morris, a causadora do capitalismo, ao qual ele opõe um socialismo caracterizado pela existência de pequenas comunidades rurais auto-suficientes, através da sua produção artesanal. Podemos, de algum modo, incluir Morris num tipo de socialismo utópico dos finais do século XIX.

Procurou pôr em prática as ideias de Ruskin. **Sentia que era preciso dar o exemplo pessoal, era o artista transformar-se em artífice-desenhador.** Com a colaboração do seu amigo Philip Webb construiu em Londres a Red House (casa vermelha) -1859-, em tijolos vermelhos da região, onde cada elemento corresponde a uma concepção original. Tanto no exterior como no interior tudo é artesanal. Pintores amigos decoraram-na e foi o próprio Morris que se encarregou de desenhar os móveis e utensílios.

Em 1861, Morris abriu uma loja em Londres, na qual tinha à venda, pela primeira vez na história, tudo o que pode participar na decoração de uma casa. Associou a sua experiência aos seus amigos, fundando a sociedade Morris & Co. A acção deste grupo foi significativa não só pela novidade de estilo, mas, sobretudo, porque era fruto de uma corporação de artistas, que aceitavam a disciplina requerida pela aliança do belo com o útil. Assim, era abolida a distinção entre artes maiores e artes menores.

No entanto, as suas produções eram postas à venda por um preço demasiado elevado, o que tornava impossível a competição com os objectos da produção industrial, tornando-se acessível, apenas, a sectores privilegiados da sociedade.

*“ A unidade da arte...é como uma casa de um grupo de pessoas, bem construída, agradável, adaptada aos seus fins e decorada de maneira apropriada ao género de vida que aí se leve; ou pode também ser um esplêndido e nobre edifício público construído para durar eternamente, pouco decorado, com o fim de exprimir a vida e as aspirações dos cidadãos; este último constitui também um importante ramo da história dos esforços dos próprios cidadãos para edificar uma casa digna de uma vida respeitável e a sua decoração simples é como um trabalho épico feito para o prazer e a educação não só das gerações presentes, mas também das futuras. Este é o trabalho artístico, verdadeira obra-prima de homens sensatos e*

# *Escola Secundária Eça de Queirós*

*Ano Lectivo 2009/2010*

*Design de Comunicação e Audiovisuais |10º M | Leonel Cunha*

*decididos, cientes das obrigações de uma verdadeira sociedade, na qual o que se faz de importante serve para todos os outros. Eis o que é a unidade artística: essa casa, esse palácio municipal, construídos e decorados pelos esforços unidos de um povo livre; tudo o que nunca poderia ser feito por um homem só, por muito dotado que fosse de qualidades intelectuais”*

William Morris (1889)

Nesta passagem emerge, de modo evidente, o conceito de arquitectura como arte para cuja definição concorrem todas as artes, sejam elas maiores ou menores. Tal conceito chave vai estar na raiz do Bauhaus.

*“...sei que, para algumas pessoas cultas, pessoas com mentalidade artística, a máquina é particularmente desagradável... (mas) o que tanto prejudica a vida de todos os dias é permitir às máquinas que sejam os nossos patrões e não os nossos servos. Por outras palavras, é o sinal do terrível crime que cometemos, utilizando o nosso controlo sobre as forças da natureza para escravizar o povo, sem ter em conta, ao mesmo tempo, a felicidade que lhe é retirada”*

William Morris, citado in Williams, 1961

A fundação da sociedade Morris & Co., em 1861, para a fabricação de objectos artísticos e de uso quotidiano, foi o ponto de partida para um movimento com objectivos mais amplos que culminou, trinta anos mais tarde na constituição do **Artes & Crafts** society (sociedade artes e ofícios), levada a cabo em 1888, sendo os principais seguidores de Morris: Philip Webb, Walter Crane, Ashbee, Lethaby e Voysey.

As ideias fundamentais de Morris, alicerces do Arts & crafts, foram as seguintes:

- recusa do que resultava da máquina e da industrialização;
- o espírito de associação (inspirado na corporação medieval), onde cada artista se integra e não se encerra na sua experiência, mas antes procura difundi-la e transmiti-la;
- a satisfação das exigências das classes abastadas e massas pobres, abandonando narcisismos, próprios da missão abstracta e superior. Os artistas deveriam descer do pedestal, da “arte pela arte”, e abraçar os temas da sociedade, assim como participar na vida moral política, e religiosa da época. Uma maior modéstia unida à responsabilidade social e à paixão pelo trabalho;
- estabelecer a conexão entre artista e artesão;
- introdução do elemento estético no campo da produção em série.

# *Escola Secundária Eça de Queirós*

*Ano Lectivo 2009/2010*

*Design de Comunicação e Audiovisuais |10º M | Leonel Cunha*

-estabelecer um modo de fazer próprio da produção artesanal, onde o homem é criador da obra;

-humanizar os objectos, tanto ao nível da produção como do seu uso;

-atacar o produto industrial e enaltecer o produto artesanal.

*“ O fascínio do objecto artesanal provém do facto de ter passado pelas mãos de alguém que nele deixou uma marca com o seu trabalho; é o fascínio do que foi criado (e que por isso é único, uma vez que o momento de criação é irrepetível”*

Jean Baudrillard (1968)

Porém, esta luta contra a máquina em favor da produção artesanal rumava contra a história e fazia com que a produção se tornasse demasiado morosa.

Morris ao condenar a máquina pretendia condenar acima de tudo a produção de má qualidade produzida por ela, defendendo o artesanato pela sua simplicidade, honestidade e funcionalidade das formas. Cabe-lhe o mérito de ter regressado a figuras simples, a cores simples e a uma decoração mais simples.

Nos seus trabalhos é importante o regresso à honestidade da decoração mais do que a relação com estilos antigos. Assim como, o ter levado os artistas a dedicarem-se às artes aplicadas e a trabalharem num espírito de associação.

A produção industrial, as tão odiadas máquinas -muito pelo seu mau emprego –, não era facto que pudesse ser ignorado por muito tempo. A produção industrial permitia o controlo de tempo, bem como a redução dos preços.

Ashbee, discípulo de Morris, nos finais do século XIX, princípio do século XX, dizia: “...*não repudiamos a máquina, acolhemo-la até muito bem. Desejamos simplesmente que seja dominada*”. Mais tarde em 1910 referiu: “*A civilização moderna depende da máquina, e não é possível a qualquer sistema que pretenda encorajar ou favorecer o ensino das artes deixar de reconhecer este facto*”. Ao dizer isto, Ashbee, abandonava a doutrina das artes e ofícios e adoptava uma das premissas do movimento moderno.

*“ (...) O rápido desenvolvimento da indústria provoca a crise do artesanato: a indústria repete os seus tipos mecanicamente, destrói a espiritualidade do fazer artístico, provoca um declínio pavoroso da cultura e do gosto; é portanto, necessário restituir ao artesanato o seu prestígio artístico e a sua função económica. Mas a concorrência excessiva não é a única causa da depressão do artesanato; há outra mais antiga e interna, que é a concepção classicista e académica da arte, a qual relegou o artesanato para um plano inferior e*

# *Escola Secundária Eça de Queirós*

*Ano Lectivo 2009/2010*

*Design de Comunicação e Audiovisuais |10º M | Leonel Cunha*

*secundário, reduzindo-o a aplicação estilística servil, separando-o da antiga idealidade religiosa. O individualismo fez da arte, que era expressão de humildade perante o milagre da criação, uma expressão de orgulho e domínio; o orgulho é espírito de mentira; para reconquistar o espírito de verdade é necessário renunciar ao individualismo, voltar à moralidade artística dos “primitivos”, à colaboração, à comunidade dos artistas. A inserção deste factor social na produção artística garantirá a sua eficácia na esfera social. O movimento Arts and Crafts pretende ser a reconstrução de uma comunidade artística capaz de realizar um “estilo” na produção.”*

in, Walter Gropius e a Bauhaus, Giulio Carlo Argan